

“[...] É NEGÃO E É VIADO. COMO PODE ISSO? ”: SEM DIREITO DE VIVER OS DESEJOS FORA DAS NORMAS

Rita de Cássia Santos Côrtes¹

Marcos Lopes de Souza²

*Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), campus de Jequié.
Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade (PPGREC)*

E-mail: ppgrec@uesb.edu.br

Resumo

O texto é um fragmento de um estudo maior resultado de uma dissertação de mestrado apresentada em 13 de maio do ano em curso. O objetivo foi compreender os discursos que emergem na produção das homossexualidades com base nas narrativas de um estudante gay, negro e de classe pobre. Essa investigação se insere em bases teórico-metodológicas de autores/as que estão inscritos na vertente pós-crítica, com afinção no pós-estruturalismo. Na construção dos dados foi empregada a entrevista narrativa, acrescentada de um relato autobiográfico. Para a análise, optou-se por operar com os discursos conforme a visão foucaultiana, cujo autor traz o pensamento de que os discursos se organizam em torno do saber e este se relaciona com o poder, produzindo sujeitos discursivos. O sujeito entrevistado salientou que gostaria que seu nome real fosse utilizado, ao invés de ser criado um nome fictício para referir-se a ele. Ele se nomeia Renato, nasceu em 1997 na capital do Rio de Janeiro, é primogênito de uma família de 5 irmãos. Neste estudo percebeu-se que alguns marcadores étnicos como origem e raça entrelaçados com outros de gênero e sexualidade colocam-no em determinados lugares, como o de homem, gay, negro, carioca, da periferia e de classe popular. Nas experiências narradas foram constatadas tensões desde a mais tenra idade pelo fato de Renato apresentar uma performance de gênero que escapa ao modelo normativo de masculinidade e o aproxima de um estereótipo da homossexualidade, inclusive ele vai percebendo que esses discursos sobre o seu corpo o coloca como desviante.

Palavras-chave: Homossexualidades, marcadores étnicos, negritude.

Introdução

O texto é um fragmento que complementa uma dissertação de mestrado. O objetivo geral da pesquisa foi compreender os discursos que emergem na produção das homossexualidades com base nas narrativas de um estudante de ensino médio, gay, negro e de classe pobre.

¹ Mestra em Relações Étnicas e Contemporaneidade. Professora da educação básica do município de Jequié, estado da Bahia. E-mail: ritalice@yahoo.com.br.

² Doutor em Educação. Professor Titular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Orientador. E-mail: markuslopessouza@gmail.com.

Na tentativa de questionar as verdades impostas pelos valores hegemônicos, a intenção neste estudo foi problematizar os discursos que produzem algumas identidades que não se inscrevem na referência estabelecida pelas normas sociais, visto que esses discursos não dizem apenas o lugar de cada um, mas determinam como cada um deve ser. Dessa maneira, pensando nos elementos discursivos que organizam a sociedade, dois objetivos específicos foram elencados para compreender os discursos que constroem o sujeito entrevistado: Compreender como se enunciam as relações étnicas na construção das homossexualidades em um estudante gay, negro e pobre e identificar as marcas produzidas nas experiências de um homem homossexual negro e de classe social baixa por meio de suas narrativas.

Buscando contemplar os objetivos propostos, foi utilizada no texto integral, para a construção dos dados empíricos, a entrevista narrativa com base em Jovchelovitch e Bauer (2002) realizada em três momentos, acrescentada de um relato autobiográfico. De acordo com os autores “através da narrativa as pessoas lembram o que aconteceu, e colocam a experiência em uma sequência, encontram possíveis explicações para isso, e jogam com a cadeia de acontecimentos que constroem a vida individual e social” (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002, p. 91).

Para a análise dos dados construídos, optou-se pela perspectiva de se operar com os discursos conforme a visão de Michel Foucault, cujo autor traz o pensamento de que os discursos se organizam em torno do saber e este se relaciona com o poder, produzindo sujeitos discursivos. Segundo o autor, o corpo está inserido no campo político, e por isso o sujeito se sente autorizado a produzir discursos relacionados a ele em contextos diversos; assim, confere o autor, “há um conjunto de relações de poder que podem ser exercidas entre indivíduos, no seio de uma família, em uma relação pedagógica, no corpo político” (FOUCAULT, 2012, p 260).

Conforme solicitação do entrevistado, no trabalho há o seu nome real, ao invés de ser criado um nome fictício para referir-se a ele. Assim, nosso sujeito se nomeia Renato, nasceu em 1997 na capital do Rio de Janeiro, é primogênito de uma família de 5 irmãos. Ele veio para Jequié, estado da Bahia, lócus da pesquisa, aos onze anos, onde viveu boa parte da adolescência e aos dezoito já passou por três empregos.

A quem pertence o corpo? Ele pertence à pessoa que o habita ou pertence à sociedade que se encarrega de normatizá-lo?

“[...] o olhar normativo interpreta e fixa o corpo como uma confirmação literal da cor, da raça, da etnia e da sexualidade”
(Rogério Diniz Junqueira, 2009, p. 380).

O questionamento que intitula esse tópico foi anunciado para pensar na heterossexualidade que orienta para que todos e todas estejam afinadas e afinados de acordo com o eixo sexo-gênero-sexualidade. Nesse bojo, destaca-se especialmente os discursos relacionados ao homem negro, que foi caracterizado pelo branco colonizador como um sujeito possuidor de um corpo que precisava ser explorado como mão-de-obra, ou para ser investigado, por apresentar-se diferente do europeu, nas suas manifestações culturais, principalmente relacionadas à sexualidade, sendo esta considerada exacerbada por esse olhar eurocêntrico. Sobre esse olhar hierarquizante, Pinho (2004, p. 67) faz a seguinte interpretação:

Ser negro é ser o corpo negro, que emergiu simbolicamente na história como o corpo para o outro, o branco dominante. Assim, o corpo negro masculino é fundamentalmente o corpo-para-o-trabalho e corpo sexuado. Está, desse modo, decomposto e fragmentado em partes: a pele; as marcas corporais da raça (cabelos, feições, odores); os músculos ou força física, o sexo, genitalizado dimorficamente como o pênis, símbolo falocrático do *plus* da sensibilidade que o negro representaria e que, ironicamente, significa sua recondução ao reino dos fetiches animados pelo olhar branco.

Com afinação no pensamento do autor, na narrativa seguinte, o entrevistado traz à tona algumas maneiras pelas quais as pessoas utilizam para abordá-lo. Os assédios se voltam para questionar o fato dele ser negro e gay. Dentre essas pessoas, há homens heterossexuais. No imaginário deles, o fato de Renato ser negro traz a prerrogativa de que seja heterossexual e mais ainda, tenha o pênis grande.

Que desperdício! Ah! Esse neguinho safado! Se fosse hétero³... O que mais ouço é que é desperdício. Normalmente já existe resposta pronta. Quando as meninas costumam dizer. Isso é resposta pronta de gay. Você tá passando na rua e alguém fala, Ah, que desperdício, assim, assado, tipo assim. Eu nunca tive essa coragem de voltar e falar isso, mas tenho vários amigos que já fizeram: olha, é desperdício pra você porque pra vários homens sou um prato cheio. Então aí começa toda aquela resenha. Na escola, eu já ouvi também. É, sobre neguinho gostoso e que desperdício, pena que não é hétero ou você é gay porque você nunca achou uma mulher pra te fazer homem, ou coisas do tipo que às vezes não consigo nem repassar essa mensagem de tão bossal que é, que eu não consigo compreender, eu fico, eu acho que as palavras se embaralham na minha cabeça assim, meu Deus como é que as pessoas pensam isso? Como é que elas raciocinam dessa forma? De homens eu já ouvi também, mas não no caso gostoso. No caso dos homens foi tipo, o cara é negão e é viado. Aí, você fica assim, por quê? Quem diz são várias pessoas. Os homens, as mulheres também já falaram, mas normalmente isso é bordão de homem hétero. Dizer que isso, como posso dizer, inferioriza a raça dele, a cor, não sei, porque é negão e é viado, como pode isso? Não honra o que tem, não honra a fama que tem. Você fica, porque também já não honra a fama que tem

³ O entrevistado utiliza a palavra com abreviação de heterossexual.

porque negro tem aquela fama de ser bem-dotado. Só que as pessoas, é, elas costumam pensar. Principalmente os homens héteros, costumam pensar que gay sempre é passivo, eles acham que só é viado se dá. Que se comer não é viado não. Aí vem a piadinha de que não honra a raça, não honra o que tem, tal. Aí tipo, eu prefiro pensar que tudo isso ocorre por falta de informação mesmo, como eu acho que seja verdade, porque tipo, achar que todos os gays são passivos eu acho que isso é absurdo, não tem como né? Ativo tá fora de cogitação, porque resumindo, teria que ser hétero. Você é negro, então você tem que ser hétero, comer todas as mulheres, tem fazer coisas que negões fazem.

Ao se referir sobre a heteronormatividade, Junqueira (2009) cita que esse fenômeno se articula diretamente sobre a produção e a regulação de materialidades corporais, mas não se trata apenas disso, observa o autor, pois existem outros arsenais normativos que não se inscrevem somente sobre a sexualidade e o gênero:

Assim, não se pode descurar que processos de construção de identidades étnicas ou racializadas tendem a se dar em torno da produção e da circulação de representações sociais naturalizadoras não apenas acerca ou a partir das noções de etnia e de raça, mas também das de corpo, gênero, sexualidade, entre outras. Ou seja, sexismo, misoginia, homofobia e racismo encontram-se, reforçam-se e (con)fundem-se (JUNQUEIRA, 2009, p. 377).

Na situação das etnias negras, por exemplo, há no imaginário social algumas concepções construídas a partir do olhar das etnias europeias, quando o colonizador branco se lançou mar adentro em busca de novas conquistas territoriais. Num primeiro momento ocorreu um estranhamento quando o branco europeu, ao olhar para povos tão diferentes de si, tratou de nomeá-los de negros. No entanto, a nomeação era insuficiente, pois esses povos também foram vistos como diferentes e estranhos por suas culturas que englobam o jeito de se alimentar, de vestir-se, de sua religiosidade e de viverem suas sexualidades. A partir de então, o europeu absorveu a ideia de que o negro deveria ser inferiorizado, sendo este associado sobretudo à selvageria na visão do homem branco e, a partir dessa decisão, o corpo negro foi objetificado. Assim, surge a utilização desse corpo como objeto de mercadoria, propriedade, força de trabalho não remunerado e ainda fetiche para o corpo branco e, desse modo, ratifica Pinho, (2008, p. 263) “a linha da fronteira entre sexualidades e corpos sexuados foi também produzida pelo encontro colonial”. Nesse contexto de fetiche, o negro é tão-somente o pênis, como explica Fanon (2008, p. 147):

O branco está convencido de que o negro é um animal; se não for o comprimento do pênis, é a potência sexual que o impressiona. Ele tem necessidade de se defender deste “diferente”, isto é, de caracterizar o Outro. O Outro será o suporte de suas preocupações e de seus desejos (grifo do autor).

O corpo de Renato, um jovem gay e negro, é o suporte do imaginário do branco, que surgiu no período colonial, e esse homem branco construiu um discurso sobre a sexualidade das etnias negras que é cotidianamente re(produzido) e atualizado, descrevendo como esse corpo deve se: com um apetite sexual constante pelas mulheres. Essa construção social se evidencia na fala de Renato em vários momentos. Por exemplo quando ele menciona que ouviu das meninas “Que desperdício! Ah! Esse neguinho safado! Se fosse hétero...”.

Em uma sociedade heterossexista, o homem é pensado como sendo destinado a uma mulher e não a outro homem, assim, Renato é visto como um objeto de desejo das garotas que o abordam, significando para elas um desperdício pelo fato de ser gay, ou ainda “pena que não é hétero ou você é gay porque você nunca achou uma mulher pra te fazer homem”, anúncio que traz a compreensão de que primeiro ele não é homem e, para sê-lo, é necessário que ele passe por uma experiência afetivo-sexual com uma mulher. Esses assédios são construções discursivas da imagem de masculinidade racializada, que Junqueira (2009, p. 379) explica assim:

Nesse contexto, homens negros são em geral percebidos como “negros de verdade” se e somente se apresentarem determinados dotes “naturais”, “próprios da raça”, tais como: abundante virilidade – suposto atributo de uma masculinidade heterossexual – e habilidade para determinados ritmos, danças, esportes, e trabalhos. Deles se espera um igualmente “natural” pendor à malandragem, indolência e à arremetida sexual (grifos do autor).

Essas abordagens são formas agressivas e depreciativas de manifestações que ocorrem por meio da linguagem e, em seu bojo, trazem a conotação de que a homossexualidade é uma falha da sexualidade humana.

Dando sequência à observação de outras falas na narrativa, ele enuncia que já ouviu de outras pessoas a frase “o cara é negão e é viado”, explica que nesse imaginário, se o sujeito é negro, tem que honrar a raça devendo ser obrigatoriamente heterossexual, pois, para as pessoas, ser negão e viado não é possível. Renato traz ainda, o pensamento de que o negro tem que cumprir a prerrogativa de ter um pênis grande: “Não honra o que tem, não honra a fama que tem. Você fica...porque também já não honra a fama que tem porque negro tem aquela fama de ser bem-dotado”. Nessas concepções, o negro simboliza o biológico, ele é sua própria genitália. Assim, para honrar a fama, é necessário ter somente relacionamentos heterossexuais porque seu pênis, visto como grande, deve ser para as mulheres e não para outros homens. Dessa maneira, pelo fato de Renato ser um homem negro há um investimento nele para que se produza como um homem bom de cama, com uma sexualidade intensa. Há uma aposta nele e em todos ou quase todos os homens

negros. Porém, contrariando as expectativas, ele rompe com esse imaginário, desvia-se do caminho orientado pelas normas da sexualidade.

Embora tais enunciações aparentemente tenham se tornado comum em nossa sociedade, historicamente todos esses estereótipos surgiram a partir do crivo do outro, que está no centro, porque essas construções foram organizadas a partir do olhar do branco colonizador, ao estranhar os modos de vida dos africanos ainda em seus lugares de origem. Nesse sentido, Fanon (2008) percebe que a caracterização do negro não se restringe apenas à cor da pele, mas está relacionada a todas as culturas que dizem respeito às etnias negras, e isso não é compreendido pelo colonizador como algo valioso, ao contrário, é especialmente estranho, passível de ser classificado como menor. Sobre essa observação, Fanon (2008, p. 161) menciona o seguinte:

Nas profundezas do inconsciente europeu elaborou-se um emblema excessivamente negro, onde estão adormecidas as pulsações mais imorais, os desejos menos inconfessáveis. E como todo homem se eleva em direção à brancura e à luz, o europeu quis rejeitar este não-civilizado que tentava se defender. Quando a civilização europeia entrou em contato com o mundo negro, com esses povos selvagens, todo o mundo concordou: esses pretos eram o princípio do mal.

Com base em seu próprio saber, o europeu deteve o poder e produziu um discurso sobre esse mundo negro, como salienta Santos (2002, p. 55) ao dizer que “a África seria uma terra de pecado e imoralidade gerando homens corrompidos; povos de clima tórridos com sangue quente e paixões anormais que só sabem fornicar e beber”. A autora lembra que o estranhamento da sexualidade de algumas etnias africanas são consequência da rigidez da sexualidade na qual o povo europeu cristão estava imerso:

Diante de uma sociedade normatizada pelos rígidos padrões de sexualidade difundidos por uma burguesia profundamente religiosa, não era de se espantar que a nudez cultivada por alguns povos na África gerasse inúmeras fantasias a respeito da sexualidade desregrada e devassidão dos africanos atribuída a seu animismo e práticas consideradas pagãs (SANTOS, 2002, p. 55).

Os povos africanos, diante do olhar europeu, eram concebidos como selvagens e devassos, e a partir dessa classificação e, a partir desse olhar, Fanon (2008) afirma que só há uma visão do europeu sobre o negro, que é a representação do mal na humanidade. Ainda sobre essa afirmação ele salienta que “na Europa, o preto, seja concreta ou simbolicamente, representa o lado ruim da personalidade” (FANON, 2008, p. 160) e, nesse pensamento, as etnias negras em comparação com as etnias brancas são sempre inferiorizadas. A partir dessa constatação, o autor descreve a construção discursiva do europeu, fazendo uma comparação descritiva entre as etnias europeias e as

etnias negras posicionando-as em polos extremos. Para ele, as etnias brancas e negras não são relacionais, são dicotomias que se mantêm distintas, em que o corpo negro é sempre estereotipado.

De acordo com esse pensamento, Fanon (2008, p. 160-161) compreende a concepção hierarquizante do europeu sobre o negro, conforme a representação abaixo no quadro.

Quadro 1 – Comparação entre negros e brancos, com base no pensamento de Fanon (2008).

Os dois lados	
O negro	O branco
<ul style="list-style-type: none"> • O carrasco é o homem negro, Satã é negro, fala-se de trevas, quando se é sujo, é negro; • O negro, o obscuro, a sombra, as trevas, a noite, os labirintos da terra, as profundezas abissais, enegrecer a reputação de alguém. • Na Europa, isto é, em todos os países civilizados e civilizadores, o negro simboliza o pecado. • O arquétipo dos valores inferiores é representado pelo negro • Criança negra, algo absolutamente insólito. 	<ul style="list-style-type: none"> • O olhar claro da inocência, a pomba branca da paz, a luz feérica, paradisíaca. • Uma magnífica criança loira, quanta paz nessa expressão, quanta alegria e, principalmente, quanta esperança!

De uma forma generalizada, o pensamento de Fanon (2008) traz à tona o imaginário construído pelo colonizador europeu, mas, que em muitas situações ainda permanece em nossa sociedade e, nos dias atuais, ainda é possível perceber discursos que cuidam de estereotipar o corpo negro.

A comparação feita pelo autor me fez lembrar de um fato ocorrido na escola municipal onde trabalho. Recentemente, coloquei o filme “Kiriku e os animais selvagens” para alunos e alunas do sexto ano do ensino fundamental, na faixa etária entre 10 e 13 anos, como atividade para discussão e análise. O filme traz como protagonista um menino negro como o herói de uma aldeia situada na África. A proposta da narrativa, portanto, é a de repensar as etnias negras por outros vieses que não a estereotopia de subalternizado, por isso no enredo aparecem também alguns elementos das culturas africanas. No entanto, apesar de ter feito uma apresentação oral prévia sobre o contexto da história, durante a exibição fílmica alguns meninos, dando gargalhadas, começaram a apelidar os colegas negros de Kiriku, evidenciando, com essa atitude, uma conotação pejorativa e de desprezo. As tensões se intensificaram e, uma aluna de etnia cigana também era assediada com palavras. Diante do fato, interrompi a sessão por alguns minutos para explicar sobre diversas culturas, mas que não são menores por serem culturas diferentes das nossas e, já com os ânimos acalmados, retornamos ao filme. O interessante é que os xingamentos partiam de meninos também negros. Esse fato traz à tona uma situação desconfortável que ainda vivenciamos que se trata da contaminação dos valores hegemônicos na vida dessas crianças desde a mais tenra idade. Os discursos que as estão produzindo trazem como efeito o preconceito e a discriminação com as etnias similares às delas, colocando-as em um lugar inferiorizado. É o olhar do branco sobre as etnias negras que se construiu desde a colonização que ainda permeia o imaginário infantil.

Os discursos construídos em torno do negro, iniciados com a colonização europeia, ainda são a base para justificar a escravidão dos povos africanos, assim, para o homem branco e cristão, seu corpo selvagem precisava ser dominado. Essa justificativa estava embasada em um saber que se interessou imediatamente em acionar o poder com o propósito de articular para destruição das culturas africanas principalmente as trazidas para o novo mundo – a América. Nesse conjunto, estrategicamente construído, a regulação dos corpos por meio da sexualidade e da racialidade se deu pelo saber de que o homem branco, civilizador, representava o macho ativo, como ratifica Pinho (2008, p. 257):

Ora, a diferenciação dos corpos, e sua hierarquização colonial, demandaram a regulação dos corpos sexuados e racializados. O homem branco, como o colonizador heterossexual, ocupou o lugar discursivo do macho penetrador e civilizador, ativo sexualmente e produtor de história e cultura, reservando para negros, índios, mulheres e “pervertidos” sexuais, o lugar passivo de objeto da dominação e do disciplinamento, assim como o lugar da sexualidade indomável, abjeta e perigosa, num paradoxo claro, que revela a estrutura da contradição sexual, na formação de corpos coloniais. Esse processo de entronização do macho branco, também é, na verdade, fundamentalmente um processo de legitimação da

expropriação econômica, dos bens, dos corpos, dos territórios e dos frutos do trabalho.

Nas narrativas de Renato, há um recorte interessante sobre atividade e passividade, ao ser anunciado o seguinte por ele: “só que as pessoas, é, elas costumam pensar, principalmente os homens héteros⁴, costumam pensar que gay sempre é passivo, eles acham que só é viado se dá. Que se comer não é viado não”. Esse pensamento de que viado é aquele sujeito que é passivo, penetrado e nunca ativo, o que penetra, na relação sexual está enraizado no imaginário popular, construído pelo discurso de que o gay é pensado como feminino ou mulher, então deve ser passivo, ser penetrado e não o ativo. No entanto, os desejos não são obedientes às regras, eles as subvertem, não se determinando limites nessa interação entre os corpos. Vejamos o que nos diz Fry e MacRae (1991, p. 48):

A superioridade social do “ativo” sobre o “passivo” é nitidamente expressa nas palavras de gíria que usamos para falar das relações sexuais como “comer” e “dar”, “ficar por cima” e “abrir as pernas”. Quem “come”, vence, como um jogador de xadrez que tira as peças de seu adversário do tabuleiro, “comendo-as”. Quem “come” está “por cima” e quem está por cima é quem controla. Quem “dá” ou quem “abre as pernas” é quem se rende totalmente (grifos dos autores).

Se deve haver uma relação de superioridade, numa relação sexual, e essa superioridade é compreendida pelo ato de penetrar e não ser penetrado, assim, o viado é visto como aquele sujeito inferiorizado, ideia explícita na concepção das pessoas e dos homens heterossexuais citados por Renato. Para eles, viado somente é penetrado na relação sexual, é o sujeito que fica por baixo, que se rende totalmente, assim ele sempre está por baixo. Podemos pensar também que, trata-se não apenas de quem penetra ou quem é penetrado, mas como a percepção dessas duas palavras entram no campo discursivo do poder-saber. Essa concepção traz à tona a aproximação do corpo do homem homossexual com a mulher heterossexual, que numa relação sexual é penetrada e, nesse pensamento, caracterizada assim como passiva. Nesse imaginário, mais do que prazer, o ato sexual é concebido como uma disputa que gera uma hierarquização. No entanto, por que o ativo tem que ser visto como superior ou como aquele que domina a relação? É necessário, de fato, haver essa hierarquia nas relações? O que é importante numa relação sexual, afinal, uma hierarquia entre quem come e quem dá ou o interessante é que haja prazer independentemente dos papéis de cada corpo?

Ao discorrer sobre esses papéis entre o ativo passivo voltados para a sexualidade, Fry e MacRae (1991, p. 50) trazem a seguinte reflexão:

⁴ A palavra foi utilizada conforme anúncio do entrevistado.

[...] podemos dizer que a concepção popular brasileira sobre a sexualidade fala mais de “masculinidade” e de “feminilidade”, e de “atividade” e de “passividade”, de “quem está por cima” e “de quem está por baixo” do que sobre a heterossexualidade ou a homossexualidade, que são aspectos que entram no esquema sorrateiramente, por assim dizer. Se este esquema desse importância maior à homossexualidade propriamente dita, então o homem que “transasse” com a bicha certamente teria que ser chamado de homossexual ou algo parecido (grifos dos autores).

Outro autor que traz o debate sobre esses agentes e pacientes na relação sexual é o antropólogo Luiz Mott (1985) ao confirmar, através de estudos feitos sobre a sodomia no Brasil colônia que havia relacionamentos homossexuais inter-raciais e interétnicos. Nesse estudo, o pesquisador constatou, em seus dados, atividade e passividade em todos os grupos, e acrescenta ainda a troca de papéis entre os sodomitas, que se davam em muitos casos nessas relações. O autor chega à conclusão de que essa suposta hierarquia de poder nas relações homossexuais é restrita apenas ao imaginário de uma sociedade androcêntrica e machista. Sobre o assunto, Mott (1985, p. 112) faz a seguinte reflexão:

[...] apenas numa perspectiva androcêntrica e machista – o que vale dizer, falocrática – é que se atribui ao “penetrador” o atributo de “ativo”, rotulando-se a mulher ou o pederasta, por serem “receptores” de “passivos”. Mas até que ponto ser “ativo” se identifica com ser dominador, agredir, forçar? Até que ponto o coito resulta num “coitado”? Se nas relações heterossexuais envolvendo raças e classes diferentes consolida-se tradicionalmente como privilégios de machos brancos a posse não só das mulheres de sua própria raça, mas inclusive das fêmeas dos demais grupos étnicos – a recíproca não sendo verdadeira para os homens de cor nem para as mulheres brancas – nas relações homossexuais embora já tenhamos noticiado episódios de prepotência por parte de certos brancos vis-à-vis parceiros sexuais de cor, o certo é que ser “agente” no pecado nefando não implica privilégio de raça, classe ou idade. Prova disso é que há brancos que são “pacientes” de negros, índios, mamelucos, mulatos etc (grifos do autor).

Com esse pensamento do autor, pode-se constatar que, se o ato sexual resulta de um envolvimento consensual, o fato de ser penetrado não pode ser entendido como passividade, assim como o fato de penetrar ser alinhado com atividade, pois o coito deve ser compreendido como parceria, troca e reciprocidade, e não que haja um coitado e um dominador nessa relação. Com isso, lembramos que os discursos pautados na hierarquização desses relacionamentos homossexuais estão embasados numa regulação de gênero (BUTLER, 2014) efeitos de uma norma que está afinada com os discursos de uma masculinidade hegemônica. Para a autora, “o poder regulador não age apenas sobre um sujeito pré-existente, mas também delimita e forma esse sujeito” (BUTLER, 2014, p.

251). Na fala de Renato, as pessoas e os homens heterossexuais são esses sujeitos regulados pelas normas de gênero, que também querem regulá-lo, e por isso, questionam a sexualidade dele.

Conclusão

Ao serem explicitadas e discutidas as tensões vivenciadas por Renato, é importante dizer que elas perpassam pelos discursos que estão entremeados de uma verdade construída em nossa sociedade para impor como deve ser e comportar-se um menino, pois para a sociedade em que vivemos, os lugares dos gêneros e os desejos afetivos e sexuais são ainda muito bem demarcados pelas relações de poder, principalmente no que tange à etnia negra. Com isso, pode-se afirmar que Renato não se sentia diferente, ele foi ensinado a se reconhecer como diferente e essa classificação perpassa pelo seu corpo, que não é branco, nem heterossexual, nem de classe economicamente abastada.

Em contrapartida, Renato pode ser entendido como um sujeito que enfrentou os desafios que lhe foram apresentados. À proporção que ele se construía mediante os discursos heteronormativos, reagia aos preconceitos e discriminações, resistindo às imposições dessas instâncias sociais para se aceitar e se assumir como uma pessoa livre para viver seus desejos, suas sexualidades.

Referências

BUTLER, Judith. Regulações de gênero. **Cadernos pagu** (42). Jan./jun. 2014. p. 249-274.

FANON, Frantz. **Pele negra máscaras brancas**. Salvador, EDUFBA, 2008.

_____. **Ditos e escritos V: Ética, sexualidade, política**. 3 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

FRY, Peter e MacRae, Edward. **O que é homossexualidade**. 7 ed. Coleção primeiros passos. São Paulo: Editora Brasiliense. 1991.

JOVCHELOVITCH, Sandra. BAUER, Martin W. Entrevista narrativa. In: BAUER, M. W. GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Tradução: Pedrinho Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Educação e homofobia: o reconhecimento da diversidade sexual para além do multiculturalismo liberal. In: _____(org.). **Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**. Ministério da Educação. Brasília, 2009.

MOTT, Luiz. Relações raciais entre homossexuais no Brasil Colônia. **Revista Brasileira de História**. São Paulo: v. 5, nº 10. Março/agosto 1985, 99-122.

PINHO, Osmundo. Qual é a identidade do homem negro? **Revista Democracia viva**. Nº 22, 2004, p. 64-69.

_____. Relações raciais e sexualidade. In.: _____ e SANSONE, Lívio (org.). **Raça: Novas perspectivas antropológicas**. 2 ed. Salvador: EDUFBA, 2008.

SANTOS. Gisele Aparecida dos. **A invenção do “ser negro”**: um percurso das ideias que naturalizaram a inferioridade dos negros. São Paulo: Educ/ Fapesp; Rio de Janeiro: Pallas, 2002.